

“VESTÍGIOS E CONTRACURVAS”: AS POSSIBILIDADES DO CORPO FEMININO EM SUA DESFRAGMENTAÇÃO

Caroline Biasuz²⁸

RESUMO

Esse texto trata do corpo que é imagem enquanto representação da figura humana feminina, matéria diferenciada dos outros corpos, os ditos reais. O corpo enquanto objeto artístico, que transforma-se em espécie de tela ou écran, espaço opaco, virgem, onde incidimos as variantes significativas e poéticas que intentamos produzir. É um relato de pesquisa sobre a construção fotográfica da série “Vestígios e Contracurvas”, de autoria pessoal, que teve por intuito a retratação do corpo feminino e sua nudez, buscando uma desfragmentação de sua totalidade para a construção visual e poética da artista.

Palavras-chave: Corpo feminino. Nudez. Fotografia. Manipulação digital.

E há ainda quem trabalhe com o corpo feminino, talvez porque acreditem que essa entidade permaneça com algo a dizer. No nosso caso, porque é o corpo que conhecemos. Ao fotografá-lo, portanto, inevitável é a “dissociação astuciosa da consciência da identidade” – advento de nós mesmos no outro (BARTHES, 2015, p. 19). Alteridade. Paradoxo de alteridade: “*video ergo, non sum*”²⁹. O corpo feminino enquanto receptáculo de sentidos e ressignificações. Espaço-corpo que comporta matéria, carne, sangue, movimentos, entradas e saídas. Labirinto. Organismo vivo que pulsa e expulsa odores quentes e manifesta encaixes pontuais. Ao artista todos esses elementos são gatilhos para o processo criativo. A superfície do corpo com suas quinas e curvas; sua periferia com entrâncias e relevos protuberantes, toda a sorte de sensações, comportamentos gestuais e sons que proporcionam e somam a infinitude de suas possíveis representações.

Esse relato trata do corpo que é imagem enquanto representação da figura humana feminina, matéria diferenciada dos outros corpos, os ditos reais. O corpo enquanto objeto artístico, que transforma-se em espécie de tela ou écran, espaço opaco, virgem, onde incidimos as variantes significativas e poéticas que intentamos produzir. Ao tomarmos esse corpo e sua nudez como objeto de nosso processo criativo, a intenção não era a de escancararmos e impormos a realidade crua e evidente de suas lascas, em uma intenção puramente sexual, muito menos produzirmos uma mensagem óbvia e direta ao espectador. O

²⁸ Possui graduação em Artes Visuais pela Universidade Federal de Santa Maria e Mestre em Literatura pela UFSM.

²⁹ “Vejo, portanto, não sou”. Provérbio latino.

propósito era entender o corpo feminino como objeto-*artístico*, ente poético; em tempo algum almejando sua objetificação enquanto produto comercial para devoração ou consumo. Mas sim, como entidade a ser devorada ou consumida, bucolicamente, pelo espírito. O corpo enquanto forma de arte. Enquanto alimento para nossos ânimos superiores.

A ideia que nos consumia era a de retratarmos de forma subjetiva e sutil a sensualidade e o lirismo, não do corpo como um todo, mas de suas superfícies e seus recantos, fazendo de seus pedaços e formas, carnes poéticas sem censura. Esse processo, deu-se em dois momentos distintos. Primeiramente, na construção da *mise-en-scène* em estúdio, onde a sensualidade foi buscada em gestos e posturas que não demandavam escancaramentos ou aberturas para emanarem sensualidade, mas sim, em composições despretensiosas do corpo que acabavam por revelar essa mística de forma natural, uma vez que o corpo feminino exala tal qualidade sem muito esforço ou engendramento.

Massa de carne e curvas posada e inanimada, imóvel e fincada (como nas coleções entomológicas), ao mesmo tempo em que se movimenta e dinamiza nosso pensamento e nossas sensações. Como evidenciam as palavras de Barthes, ao afirmar que “[q]uando se define a Foto como imagem imóvel. Isso não quer dizer apenas que os personagens que ela representa não se mexem; isso quer dizer que eles não *saem*: estão anestesiados e fincados, como borboletas” (2015, p. 53). Corpos-borboleta que tangenciam inércia e movimento, simultaneamente.

A opção pela fotografia monocromática deu-se em função de sua irresistibilidade. A monocromia aplica à imagem uma expressividade diferente das imagens em cor. Além da provocação de mistério, com a sua atmosfera mística inquestionável, ela desloca para o espectador a idealização das cores do instante fotográfico, mesmo que essa tarefa não seja imprescindível. Condiciona um possível diálogo imaginativo. As altas-luzes destacam pedaços carnaís que são contrastados pelas baixas-luzes, sombreando as superfícies da nudez. Encontros e desencontros, explosões de luz e de escuridão metamorfoseando a forma natural do referente.

Sei muito bem que a realidade não é assim. Mas quando contemplamos uma imagem em preto e branco, ela penetra em nós, nós a digerimos inconscientemente, a colorimos. O preto e branco, nessa abstração, é portanto, assimilado por aquele que o contempla, que se apropria dele. Considero seu poder fundamental (SALGADO, 2014, p. 128).

Os meios tons, proporcionados pelo preto e branco, que se refletem no referente fotográfico, “brincam ao redor de cada objeto, arredondam as arestas mais cortantes, iluminam as zonas mais escuras, clareiam os lugares cobertos de sombras”, em uma brincadeira de esconde-esconde, onde as formas se desformam e pulsam intermitentemente entre claro e escuro, luz e escuridão (EASTLAKE *apud* DUBOIS, 1993, p. 37).

Na segunda etapa dessa busca, a vontade era a de alcançarmos uma atenuação da dureza e da obviedade das formas e dos contornos, almejando uma desconstrução da totalidade do corpo feminino, valorizando a luminosidade de suas superfícies ou de seus pedaços. Ideia que solidificou-se pelo desfocamento, alteração e intensificação de contrastes entre sombra e luz na imagem. O *flou*, acabou por proporcionar a potencialidade visual esperada: o corpo feminino como discurso potente junto aos efeitos digitais (GARCIA, 2011, p. 158).

Há uma matriz de resultados fascinantes entre a luminosidade da pele e o deslocamento do corpo que impera sobre a (des)construção de uma imagem técnica-armada pelo aparato fotográfico. É nesse encontro efusivo que o corpo para ser (re)tratado pela fotografia contemporânea. Registro da atividade humana, o corpo pode vivenciar uma potencialidade visual que a fotografia tenta documentar. O corpo é um assunto emergente na agenda contemporânea. (GARCIA, 2007).

As possibilidades abertas pela tecnologia, na arte contemporânea, aportam um leque de efeitos que podem ser proporcionados pela manipulação da imagem. O nosso propósito não estava na percepção clara e evidente do objeto-artístico, mas na “afecção, [n]o modo como o sujeito se percebe, ou se sente” (MACHADO, 2009, p. 257). A tal alteridade de que falamos antes. Ao manejarmos a foto, transformamos a realidade do referente, direcionando-a para a nossa intenção artística.

A fotografia, correndo as veredas da literatura e da pintura, tem desses poderes de embalsamento. Tornam imperecíveis os que recaem ao seus domínios. Paradoxo entre eternidade e morte. Barthes já dizia que o fotógrafo haveria de lutar muito para que a fotografia não se tornasse morte. O outro (fotógrafo) que desapropria os outros (referentes) de si mesmos e fazem deles, com ferocidade um objeto indelével, inerte. Ente imortal e morto ao mesmo tempo (BARTHES, 2015, p. 21).

E aquele ou aquela que é fotografado é o alvo, o referente, espécie de pequeno simulacro, de *eidolon* emitido pelo objeto, que de bom grado eu chamaria de *Spectrum* da Fotografia, porque essa palavra mantém, através de sua raiz, uma relação com o “espetáculo” e a ele acrescenta essa coisa um

pouco terrível que há em toda fotografia: o retorno do morto (BARTHES, 2015, p. 17).

Essa relação de morte que Barthes atribui à fotografia, de uma maneira torta, foi ao encontro de nossa perspectiva em trabalhar o corpo, não em sua completude ou perfeição de formas, mas na sua desconstrução. A intenção na “morte” dessa totalidade evidente, para que renascessem dela a imprecisão poética do corpo feminino, articulada em fragmentos inacabados e provisórios. Esse foi o intuito de nossa pesquisa fotográfica que culminou no poema e na série a seguir:

Vestígios e contracurvas

Da carne toda, alguns membros.

Da escuridão, apenas retalhos.

A morte em pedaços.

Do seio que não é mais seio.

Dos braços que já não encerram mais abraços.

Das pernas que não são mais coxas ou tornozelos.

Da boca que não é mais fonte de sussurros ou gemidos.

Da fotografia que dá ares de pintura.

Indícios de um corpo.

Nudez que se amorfa, esboroa, perde-se.

Imprecisão.

Abstração.

Apenas vestígios.

Contracurvas.

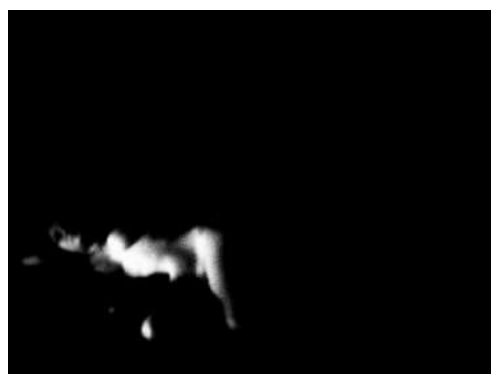


Figura 1 - Série fotográfica “Vestígios e Contracurvas” 2014. V/C n. 1, 15 x 21 cm
Fonte: arquivo pessoal da autora

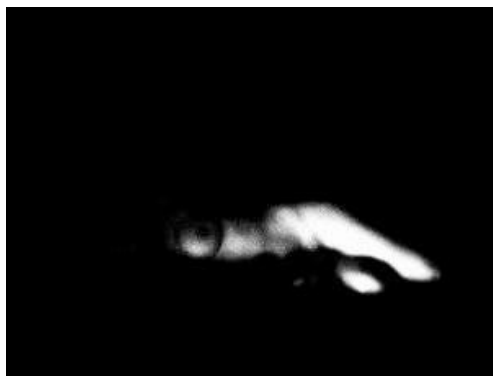


Figura 2 - Série fotográfica “Vestígios e Contracurvas”, 2014. V/C n. 2, 15 x 21 cm
 Fonte: arquivo pessoal da autora



Figura 3 - Série fotográfica “Vestígios e Contracurvas”, 2014. V/C n. 2, 15 x 21 cm
 Fonte: arquivo pessoal da autora.

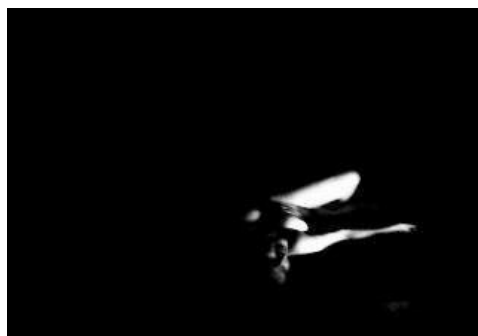


Figura 4 - Série fotográfica “Vestígios e Contracurvas” 2014. V/C n. 3, 15 x 21 cm
 Fonte: arquivo pessoal da autora

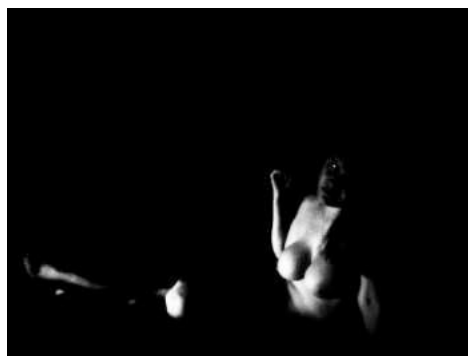


Figura 5 - Série fotográfica “Vestígios e Contracurvas” 2014. V/C n. 4, 15 x 21 cm
Fonte: arquivo pessoal da autora



Figura 6 - Série fotográfica “Vestígios e Contracurvas”, 2014. V/C n. 4, 15 x 21 cm
Fonte: arquivo pessoal da autora



Figura 7 - Série fotográfica “Vestígios e Contracurvas”, 2014. V/C n. 4, 15 x 21 cm
Fonte: arquivo pessoal da autora

Referências

BARTHES, Barthes. **A câmara clara: nota sobre a fotografia.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios.** Campinas, SP: Papirus, 1993.

GARCIA, Wilton. **O corpo na fotografia: anotações.** In: Fotografia Contemporânea. 2007. Disponível em:
<http://www.fotografiacontemporanea.com.br/artigos/16/F9E781E2EE0A44C6801982F048374DD5.pdf>. Acesso em: 12 maio 2016.

MACHADO, Roberto. **Deleuze, a arte e a filosofia.** Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

SALGADO, Sebastião. **Da minha terra à Terra.** 1ª ed. São Paulo: Paralela, 2014.